

## **Imigração e Ascensão Social em Ribeirão Preto entre o final do século XIX e meados do XX**

**Jonas Rafael dos Santos<sup>1</sup>**

**Resumo:** O artigo procura demonstrar que a imigração em massa para Ribeirão Preto, município localizado no nordeste de São Paulo, devido à introdução e desenvolvimento da cafeicultura e a abolição da escravidão no final do século XIX, provocou um desenvolvimento do setor urbano e conseqüentemente a ascensão social de parte dos imigrantes que participaram desse processo.

Palavras chave: imigração; ascensão social; cafeicultura; Ribeirão Preto; desenvolvimento urbano.

O surgimento do município de Ribeirão Preto<sup>2</sup> fez parte do processo de ocupação e povoamento que ocorreu no final do século XVIII e início do século XIX ao longo da estrada dos Goyases. Os primeiros habitantes de Ribeirão Preto foram mineiros que migraram para a região em busca de terras para criar os seus gados, já que a expansão e a dinamização da economia mineira, desde o período da mineração, estimulava a procura por novos locais para desenvolvimento das atividades agropecuárias<sup>3</sup>.

Em 1874, a população de Ribeirão Preto era composta por 5.552<sup>4</sup> pessoas ao passo que, após 12 anos, ou seja, 1886, Ribeirão Preto já possuía 10.420<sup>5</sup> habitantes. Esse crescimento da população esteve diretamente relacionado com a expansão da linha

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UNESP-Franca

<sup>2</sup> O município de Ribeirão Preto está localizado no nordeste do Estado de São Paulo e, que em 1920, era o 2º maior produtor de café de São Paulo e o 6º do Brasil. A economia ribeirãopretana era predominantemente agrária em 1920. Em 1922 a população rural representava 70% e a urbana apenas 30% dos habitantes do município. Em 1950 já havia ocorrido uma inversão, já que a população rural compreendia 30% e a urbana 70% do total de moradores. É necessário salientar que em 1920, 60% da população economicamente ativa estava alocada no setor rural da economia, enquanto que em 1950, apenas 29%. Por outro lado Ribeirão Preto, na década de 1950, apresentou-se como o quarto maior centro urbano do Estado de São Paulo, atrás apenas da Capital, Santos e Campinas.

<sup>3</sup> Sobre este processo ver: Lages, José Antônio. *Ribeirão Preto: da Figueira à Barra do Retiro – povoamento da região por entrantes mineiros na primeira metade do século XIX*. Ribeirão Preto: VGA, 1996.

<sup>4</sup> Dos 5.552 habitantes, 857 eram escravos que compreendiam 15% da população de Ribeirão.

<sup>5</sup> Dos 10.420 habitantes, 1379 eram escravos que compreendiam 13,2% da população de Ribeirão.

férrea da Mogiana que chegou em Ribeirão Preto em 1883 e também com a introdução e desenvolvimento do cultivo do café, que se iniciou na década de 1870 .

O crescimento da população, principalmente da escrava, reflete o dinamismo da economia de Ribeirão principalmente após a introdução e desenvolvimento do cultivo do café e a chegada da ferrovia em 1883. Por outro lado, evidencia a necessidade imediata de mão-de-obra para expandir com mais intensidade a cultura cafeeira, fato esse que ocorrerá apenas após 1886 com a introdução maciça de imigrantes e a abolição da escravidão em 1888<sup>6</sup>.

Ribeirão Preto apresentava-se neste período, como um pólo de atração de população, estabelecendo-se lentamente como uma zona pioneira no cultivo de café, dentro do Estado de São Paulo. Como diz Monbeig<sup>7</sup>; a expansão da cafeicultura para Ribeirão Preto "... era o prosseguimento de uma progressão que principiava na região montanhosa do Estado do Rio de Janeiro, continuara pelo chamado Norte, o Vale do Paraíba, e tinha ganho a região de Campinas. Ali, as plantações de café eliminavam lenta, porém seguramente a agricultura tradicional e a cana-de-açúcar."

Apesar do expressivo crescimento populacional nesta primeira fase do município de Ribeirão, foi a partir do início da imigração subvencionada pelo governo da Província após 1886, que ocorreu um crescimento populacional extraordinário de Ribeirão Preto<sup>8</sup>. Entre 1886 e 1900 a população passou de 10.420 habitantes para 59.195.

Este crescimento populacional de 13,2% ao ano entre 1886 e 1900, esteve ligado ao fluxo de imigrantes, principalmente de italianos, que vieram para trabalhar nas fazendas de café em expansão desde 1870, mas que adquiria principalmente a partir de 1890, em decorrência do encilhamento, contornos mais sistemáticos. Para compreender a importância desse crescimento populacional é interessante observar que a população da

---

<sup>6</sup> Sobre este processo ver: BEIGUELMAN, Paula. *A formação do povo no complexo cafeeiro*. São Paulo: Pioneira, 1964.

<sup>7</sup> MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec – Polis, 1998. p.95.

<sup>8</sup> Sobre este processo migratório ver: HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração italiana em São Paulo: 1880-1889*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1972. KLEIN, Herbert S. *Imigração espanhola no Brasil*. São Paulo, ed. Sumaré, FAPESP, 1994. LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.

zona mogiana e da província apresentaram um crescimento muito inferior, respectivamente 7,04% e 4,5% ao ano<sup>9</sup>.

O reflexo do processo imigratório da última década do século XIX pode ser observado a partir da tabela 1. A população estrangeira de Ribeirão era composta por 761 pessoas em 1886, representando apenas 7,3% dos 10.420 habitantes neste ano. Já em 1902, os estrangeiros compreendiam 33.199 indivíduos, compreendendo 62% da população de 52.929. Em 1886, predominavam os austríacos, representando 46,2% dos estrangeiros, seguidos pelos italianos e portugueses que compreendiam respectivamente, 20,7% e 18,4%. Porém, em 1902 os austríacos perderam espaço para os italianos, portugueses e espanhóis. Os imigrantes de origem italiana perfaziam um total de 83,7%, os portugueses 7,9%, os espanhóis 5,1% e os austríacos apenas 1,7%. Essa forte presença de imigrantes é considerada por Holloway como um indicador de que a zona em torno de Ribeirão Preto foi a mais importante tanto para a história do café quanto para a da imigração<sup>10</sup>.

**Tabela 1**  
**Distribuição da população imigrante em Ribeirão Preto 1886 e 1902**

Imigrantes	1886		1902	
	Números absolutos	Porcentagens	Números absolutos	Porcentagens
Italianos	158	20,7	27.765	83,6
Portugueses	140	18,4	2635	7,9
Espanhóis	8	1,0	1703	5,1
Austríacos	352	46,2	551	1,7
Outros	103	14,7	545	1,7
<b>Total</b>	<b>761</b>	<b>100,0</b>	<b>33.199</b>	<b>100,0</b>

Fonte: 1886, Gyfun, 1972, p.98 e 1902, relatório de 1902 apresentado à câmara Municipal de Ribeirão Preto pelo prefeito Dr. Manoel Aureliano de Gusmão, na sessão de 10 de janeiro de 1903. São Paulo: Duprat & Comp., (APHRP, 1903).

A imigração em massa para Ribeirão Preto criou condições para o desenvolvimento do comércio e da indústria. Como enfatiza João Manuel Cardoso<sup>11</sup>, a

<sup>9</sup>CAMARGO, José Francisco de. *Op. cit.* p. 81-90.

<sup>10</sup>HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café? Café e sociedade em São Paulo, 1886-1934.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p.39.

<sup>11</sup>MELLO, João Manuel C. *O Capitalismo Tardio: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira.* São Paulo: 2<sup>a</sup> ed, Brasiliense, 1982.

introdução da mão-de-obra imigrante na lavoura cafeeira paulista possibilitou a transferência de capital que era empregado na compra de escravos para outros setores da economia.

O comércio e a indústria no início do século XX já apresentavam seus primeiros contornos. Em 1904 existiam 320 estabelecimentos comerciais e 174 fábricas em 1902 .

O surgimento desses estabelecimentos comerciais e industriais desde o final do século XIX, propiciado pelo desenvolvimento da cafeicultura, está diretamente relacionado com a substituição do trabalho escravo pelo livre. Os imigrantes, ao contrário dos escravos, recebiam parte do salário em dinheiro, o que permitia o consumo de produtos não produzidos nas suas roças de subsistências, bem como, a dinamização do processo de circulação de moeda, que era incipiente até então. É importante assinalar que os imigrantes tinham hábitos adquiridos na Europa, que necessitavam ser atendidos.

Neste contexto, como enfatiza Waren Dean<sup>12</sup>, muitos imigrantes conhecedores das necessidades de consumo de seus compatriotas e alguns brasileiros investiram em indústria de produtos perecíveis (alimentos, bebidas e outros) que não suportavam as longas viagens transatlânticas. O caso mais típico é do Conde de Matarazzo que aproveitou as oportunidades e construiu um império industrial ao longo da 1ª metade do século XX<sup>13</sup>.

Em Ribeirão Preto, os imigrantes participaram efetivamente no processo de desenvolvimento das atividades urbanas como empreendedores. A esse respeito, Rosana Aparecida Cintra<sup>14</sup> ao estudar os italianos em Ribeirão Preto observou em uma lista do Almanach de Ribeirão Preto de 1913 que dos 151 proprietários de casas comerciais e fábricas, 93 eram italianos. Segundo a autora, esses imigrantes participavam como proprietários nos ramos de secos e molhados, botequins, padarias, restaurantes, açougues e outros.

---

<sup>12</sup> DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo. São Paulo? Difel?Edusp, 1971.

<sup>13</sup> MARTINS, José de Souza. *Conde Matarazzo o Empresário e a Empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento*. 2ª ed. São Paulo, Hucitec, 1973.

<sup>14</sup> CINTRA, Rosana Aparecida. *Italianos em Ribeirão Preto: Vinda e Vida de Imigrante (1890-1900)*. Dissertação (Mestrado em História). Franca: FHDSS/UNESP, 2001.

Os estudos sobre as origens dos comerciantes e industriais brasileiros têm demonstrado que os imigrantes foram os grandes empreendedores nestas atividades, em boa parte das cidades das regiões Sudeste e Sul.

Bresser Pereira<sup>15</sup> foi o primeiro a chamar a atenção para a importância dos imigrantes no processo de desenvolvimento da indústria paulista. Em pesquisa realizada no início da década de 1960, por meio de um exaustivo trabalho empírico, observou que a indústria paulista, a mais importante do país, teve a sua origem nos imigrantes, principalmente os oriundos da classe média e não da elite cafeeira. Com esse estudo, chamou a atenção para o fato de que a indústria paulista não teve a sua base nos investimentos realizados por famílias de cafeicultores, e sim, por famílias de imigrantes da classe média.

Warren Dean<sup>16</sup>, por sua vez, refinou a análise de Bresser, ao afirmar que a matriz da industrialização de São Paulo esteve intrinsecamente ligada à burguesia imigrante que tinha ligações com o comércio de importação. Por outro lado, observa que os imigrantes que investiram no comércio e indústria, na sua maioria, tinham algum pecúlio que haviam acumulado na sua pátria natal, o que foi fundamental para a abertura de suas firmas. O contato que os imigrantes tinham com grandes firmas importadoras também favoreceu em muito a participação dos mesmos nos setores comerciais e industriais, segundo Dean. Sérgio Silva<sup>17</sup> corrobora a idéia de Dean, reforçando que os imigrantes que se tornaram empresários no Brasil não tinham nenhuma ligação com a massa de imigrantes que chegaram no final do século XIX para trabalhar na lavoura do café.

José de Souza Martins<sup>18</sup> ao analisar a trajetória do Conde de Matarazzo, o destaca como a figura do industrial de origem imigrante que ascendeu socialmente como uma espécie de mito – o burguês mítico – que servia para legitimar as formas de reprodução do capital e das suas formas de exploração.

---

<sup>15</sup> BRESSER PEREIRA, Luiz C. *Empresários, suas origens e as interpretações do Brasil*. In *História de Empresas e Desenvolvimento Econômico*. Tamás Szmerecsányis & Ricardo Maranhão (organizadores). 2 ed. Revista. – São Paulo? Hucitec/ Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica/ Editora da universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial, 2002.

<sup>16</sup> DEAN, Warren. *Op. cit.*, 1971.

<sup>17</sup> SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1976. p. 112

<sup>18</sup> MARTINS, José de Souza Martins. *O cativo da terra*. São Paulo: Hucitec, 1996.

Tércio Di Gianni<sup>19</sup> chama a atenção para a importância das atividades urbanas na ascensão social dos imigrantes italianos, que chegaram em Franca, município vizinho de Ribeirão Preto, desde o final do século XIX. Destaca que os imigrantes chegaram para trabalhar na lavoura do café, e que após vencido os contratos com os cafeicultores, se deslocaram para o centro urbano, onde desenvolveram atividades ligadas ao comércio e à indústria.

Agnaldo de Souza Barbosa<sup>20</sup>, verificou, ao estudar a formação da indústria do calçado em Franca, que a sua origem esteve ligada aos imigrantes que vieram trabalhar na lavoura de café e depois se transferiram para o centro urbano, onde acumularam o suficiente para iniciar alguma atividade industrial. Segundo o autor, esses imigrantes começaram na atividade industrial com poucos recursos. Cita a formação da indústria Samello, uma das mais tradicionais na produção de calçado do país, como tendo sua origem ligada a um imigrante espanhol operário. Barbosa, ao analisar 50 inventários de industriais ligados ao calçado, observou que 50% eram formados por imigrantes, sendo 40% de italianos, 8% de espanhóis e 2% de outras etnias. Eliane Gumieiro<sup>21</sup> constatou também, que os comerciantes e industriais existentes em Ribeirão Preto entre 1890 e 1937, tiveram a sua origem nos imigrantes, principalmente os italianos.

A origem dos comerciantes e dos industriais inventariados (111) entre 1920 e 1951, em Ribeirão Preto, mostra também, que a maioria era imigrante. Observamos que 68% dos comerciantes e 64% dos industriais eram estrangeiros, confirmando a tese de que essas atividades eram dominadas por indivíduos que vieram de vários países e aproveitaram a expansão urbana para ascender socialmente.

O processo de expansão do setor urbano de Ribeirão Preto desde o final do século XIX e a sua consolidação após 1930, possibilitou que muitos indivíduos, mas principalmente os imigrantes, aproveitassem as oportunidades surgidas dentro desse contexto de dinamismo econômico.

---

<sup>19</sup> DI GIANNI, Tércio Pereira. *Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior*. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.

<sup>20</sup> BARBOSA, Agnaldo de Souza. *Empresário Fabril e Desenvolvimento Econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca-1920-1990)*. Araraquara, 2004. Tese (Doutorado). p.33

<sup>21</sup> GUMIEIRO, Eliana Ap. O desenvolvimento do comércio em Ribeirão Preto 1890-1937. Dissertação (Mestrado em História) Franca: FHDSS/UNESP, 2000.

A história de Adolfo Bianchi, ilustra bem esta realidade. Em 1890 a família Bianchi, natural de Castlhone Odon, província de Como, chegou ao porto do Rio de Janeiro. Adolfo Bianchi nesta época tinha 17 anos, e um diploma de curso técnico de mecânica, concluído na Itália.

Como a maioria dos imigrantes, a família Bianchi foi inicialmente trabalhar em uma fazenda de café, mais especificamente a Fazenda Dumont, em Ribeirão Preto. Nessa fazenda, Carlos Bianchi, pai de Adolpho, montou um moinho de fubá e Adolpho, como era técnico em mecânica, começou a executar serviços na oficina da propriedade agrícola. A falta de perspectiva no meio rural fez com que a família Bianchi mudasse para o centro urbano de Ribeirão Preto após três anos na fazenda.

Segundo Cintra "Adolpho Bianchi junto com os irmãos deu início a uma pequena oficina mecânica com a fabricação de máquinas agrícolas, consertos de arados, máquinas de chapéu e outras que operavam na época e que deu início ao posterior empreendimento volumoso da família Bianchi"<sup>22</sup>.

Adolfo procurou se aperfeiçoar cada vez mais no ofício de mecânico, chegando a receber o título de Engenheiro Mecânico na Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro em 1923.

Já na década de 1930, a oficina de Adolfo Bianchi ganhava grande proeminência na cidade, em decorrência dos serviços prestados na construção do Clube Regatas em Ribeirão Preto. Nessa época, a oficina era comandada apenas por Adolfo, devido à saída de Samuel e Roque Bianchi em 1907, e de José Bianchi em 1926.

Mas a oficina Bianchi destacou-se realmente no período da 2ª Guerra Mundial, já que neste período, os principais países fornecedores de equipamentos agrícolas da região estavam envolvidos no conflito. Dessa forma, a indústria Bianchi começou a fornecer máquinas para a região. Dentre essas máquinas, destacavam-se as moendas de cana e máquinas de beneficiamento de algodão. "A oficina também produziu postes de iluminação para Santos, São Paulo, Ribeirão Preto e mais trinta e cinco prefeituras do Estado de São Paulo"<sup>23</sup>.

---

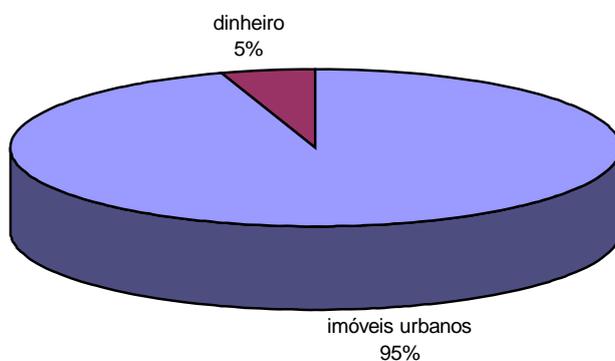
<sup>22</sup> CINTRA, Rosana Aparecida. *Uma família italiana e sua marca no tempo*. Trabalho de Conclusão de Curso de História/UNESP-Franca, 1998. p. 41

<sup>23</sup> Ibidem, p. 46-7

O processo de acumulação realizado pelos Bianchi, ao longo de meio século, pode ser conhecido por meio do inventário de Adolpho Bianchi que morreu em 1948 aos 75 anos, deixando a sua mulher, Maria Batisteti e 7 filhos, sendo que os outros dois filhos, Américo Mário Bianchi e Alice Bianchi já eram falecidos nesse ano.

O patrimônio de Adolfo Bianchi alcançou 50% do total da riqueza dos industriais no período 1946-1951 e era composto por 95% de imóveis e 5% de dinheiro. (gráfico 1)

**Gráfico 1**  
**Composição da riqueza de Adolfo Bianchi em 1948**



Fonte: Inventário *post mortem*, AJRP, 3º ofício

Os imóveis urbanos correspondiam a 7 prédios, sendo 6 residenciais e um de dependência da indústria mecânica. Os seis prédios localizavam-se na região central do município de Ribeirão Preto, na rua Duque de Caxias. Já o prédio que abrigava a indústria mecânica, localizava-se no bairro industrial dos Campos Elíseos, na rua Salomão.

O prédio mais valioso representava 45,2% do patrimônio de Adolfo Bianchi. A construção desse imóvel foi iniciada pela Firma Bianchi & Irmãos, e concluída por Adolfo, indicando assim ser a residência do mesmo.

A parte da riqueza representada por dinheiro estava distribuída por quatro agências bancárias localizadas no município de Ribeirão Preto. A maior parte do dinheiro de Bianchi foi depositada na agência do Banco Mercantil de São Paulo e representava 61%

do mesmo. A segunda maior fatia estava depositada no Banco de São Paulo S/A, que compreendia 23% do dinheiro. O terceiro depósito mais importante foi feito na Caixa Econômica Estadual, que correspondia a 12%. O quarto e último depósito de Bianchi, que se encontrava no Banco do Brasil, representava apenas 4% dos depósitos. A presença desses quatro Bancos que tinham suas sedes na capital de São Paulo, mas possuíam filiais em Ribeirão Preto, indica a importância do município no Estado de São Paulo, bem como do seu sistema financeiro.

As dívidas passivas (débitos) compreendiam apenas 3,1% e correspondiam às despesas referentes a consultas médicas, a remédios e ao funeral. Por outro lado, não existiam dívidas ativas a favor de Bianchi.

O que chama atenção nesse considerável patrimônio é a falta de maquinários, sendo uma provável explicação o fato de que, no momento de sua morte, Adolfo Bianchi, já se tinha afastado do comando da oficina mecânica, deixando a mesma sob a direção dos seus filhos.

Apesar de Rosana Cintra afirmar que a oficina foi desativada apenas em 1963, é necessário ressaltar que a firma de Bianchi teve um grande êxito em decorrência da Segunda Grande Guerra Mundial, já que os principais fornecedores de maquinários para o Brasil estavam envolvidos no conflito mundial. Dessa forma, é possível aventar a hipótese de que a fábrica já estava de fato desativada no ano da morte de Bianchi, uma vez que seus filhos compraram os maquinários da usina Junqueira, e fundaram uma usina de açúcar em 1944, em sociedade com os irmãos Pompolo. Essa sociedade passou a se chamar Pompolo, Bianchi & Cia Ltda, "com sede na fazenda Anhumas, município de Córrego Rio, comarca de Jaboticabal, para a fabricação de aguardente, álcool e açúcar"<sup>24</sup>. Porém, os irmãos Pompolo e Augusto Bianchi retiraram-se da firma em 11 de dezembro de 1947, e a mesma passou a denominar-se Bianchi e Cia Ltda.

Outro fato que indica uma possível desativação da oficina Bianchi, após a Segunda Guerra Mundial, é o processo de expansão efetuada pelos irmãos Bianchi que permaneceu na sociedade. A produção neste ano representava 100.000 sacas de açúcar de 60 kilos por safra, tendo sido a firma Bianchi & Cia Ltda transformada em Sociedade Anônima (Usina Anhumas S.A) em 1948.

---

<sup>24</sup> CINTRA, Rosana Aparecida. *Op. cit.*, 1998 p. 46

Outra hipótese para a inexistência dos maquinários da oficina de Bianchi pode ser explicada pelo fato que os avaliadores incluíram os mesmos no valor do prédio, já que os móveis da residência de Bianchi também não foram avaliados. Caso isso tenha ocorrido, é importante frisar que se incluíssemos o valor do prédio da fábrica com os maquinários, esses não representariam mais que 10% da riqueza de Bianchi. Dessa forma, esse fato ratifica novamente o caráter conservador da ação empreendedora dos industriais, como bem afirmou Fernando Henrique Cardoso<sup>25</sup> e Oliveira Vianna<sup>26</sup>.

O comércio também apresentou-se como um meio eficiente no processo de acumulação de riqueza em Ribeirão Preto. Angelo Mestriner, imigrante italiano, exemplifica essa situação.

Mestriner nasceu na Itália em 1882, migrou com a família para o Brasil entre o final do século XIX e o início do XX. Antes de tornar-se comerciante, trabalhou como cocheiro de Arthur Diederick, importante membro do grande capital cafeeiro de Ribeirão Preto, que atuava em diversas atividades como produtor de energia elétrica, comércio de café, além de ser um dos maiores cafeicultores de Ribeirão com 500.000 pés plantados em 1922. Esse empresário era também um importante representante da firma alemã exportadora de café "Teodor Wille".

Em janeiro de 1927, Angelo Mestriner e Cyrilo Marin, fundaram a firma Mestriner & Marin, com capital de 25:000\$000 réis cada um. A sociedade explorava o ramo de secos e molhados, louças, ferragens, fazendas e armarinhos, sendo a mesma estabelecida à rua Guatapará.

Após oito anos de fundação da firma Mestriner & Marin, ou seja no ano de 1935, seu sócio Angelo Mestriner veio a falecer deixando esposa e 10 filhos, sendo 4 do sexo feminino e 6 do masculino. Nesse ano, a firma possuía 13 prédios, 1 terreno, mercadorias, utensílios e móveis do estabelecimento comercial, 2 automóveis, 1 carrinho com arreo, 1 cavalo, 2 burros, 1 novilha, dinheiro e dívidas ativas.

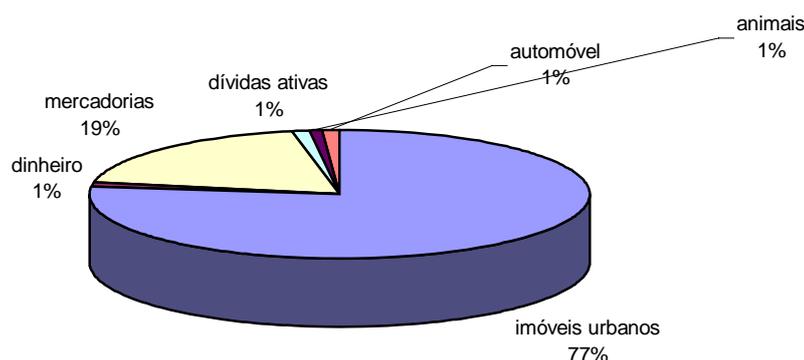
---

<sup>25</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. *O empresário industrial e o desenvolvimento econômico do Brasil*. 1963. Tese (*Livre-Docência em Sociologia*) – FFLCH/USP, 1963..

<sup>26</sup> VIANNA, Oliveira. *História social da economia capitalista no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

O patrimônio da firma foi avaliado em 203:849\$525 réis, sendo que 77% correspondiam aos imóveis urbanos, 19% às mercadorias, 1% aos utensílios e móveis, 1% aos automóveis 1% às dívidas ativas, 1% ao dinheiro e 1% aos animais. (Gráfico 2)

**Gráfico 2**  
**Composição da riqueza de Angelo Mestriner em 1935**



Fonte: Inventário *post mortem*, AJRP, 1<sup>o</sup> ofício

Ao considerarmos que o capital inicial da firma foi de 50:000\$000 em 1927, pode-se concluir que houve um acréscimo significativo no capital da mesma. Ao deflacionar<sup>27</sup> os 50:000\$000 verificamos que o valor real do capital não se alterou muito, já que o mesmo valia 53:200\$000 réis em 1935, sofrendo um acréscimo de apenas 6,4% ao longo dos oito anos. Dessa forma, podemos concluir que teria havido um aumento superior a 280% no valor do capital da firma Mestriner e Marin, ratificando a hipótese de que o setor urbano de Ribeirão Preto estava em processo de expansão mesmo com a crise do café de 1929.

<sup>27</sup> Usamos o deflator do IBGE./IBGE. *Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais 1550 a 1988*. Rio de Janeiro, 2<sup>a</sup>. Ed. Revista e atualizada, 1990. p. 147

Tais evidências confirmam as idéias de autores como Waren Dean<sup>28</sup>, que afirmam que o setor urbano foi importantíssimo no processo de acumulação, possibilitando a ascensão social de muitos imigrantes. Porém, é necessário ressaltar, que nem todos conseguiram ascender socialmente, o que não significa que a estrutura desigual da sociedade brasileira não permitiu que os imigrantes acumulassem patrimônios. É interessante observar, que apesar do setor urbano (comércio e indústria) proporcionar possibilidades de acumulação de capital, os cafeicultores de Ribeirão Preto não transferiram capitais de maneira direta para essas atividades, mesmo com a crise do café de 1929.

### **Comerciantes e industriais que investiram em café**

Analisando uma lista de cafeicultores de 1922, na qual constam os principais indivíduos que cultivavam a rubiácea, observamos que nenhum deles transferiu parte de seus patrimônios diretamente para a indústria e o comércio.

Por outro lado, o setor agrário interessava aos comerciantes e industriais. Pudemos observar que alguns membros desses dois segmentos acumularam nessas atividades e transferiram parte dos seus patrimônios para o setor da cafeicultura.

Nesse contexto, os imigrantes, comerciantes e industriais, que aproveitaram as oportunidades de ascensão social, transformaram-se em grandes cafeicultores, como foi o caso de Pedro Verry, Jacinto Centola e José Cezarino.

Pedro Verry, filho legítimo de Luiz Verry e de Maria Ludigrani Verry, provavelmente imigrou desde a Itália junto com a família, ainda no final do século XIX, acompanhando a imigração em massa que ocorreu nesse período.

Iniciou as atividades no setor de secos e molhados no início do século XX, sob a dominação de Irmãos Verry, explorando vendas no varejo até 1936. A partir de 1º de janeiro de 1936, formou uma nova sociedade com Luiz Verry, Mário Batiston e César Verry, para explorar o setor de secos e molhados no varejo e no atacado pelo período de cinco anos.

O capital social utilizado para a formação da sociedade foi de 120:000\$000 (cento e vinte contos de réis) e para ele contribuíram o sócio Pedro Verry com

---

<sup>28</sup> DEAN, Waren. *Rio Claro: um sistema de grande lavoura 1850-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

a quota de 72:000\$000, os sócios Luiz Verry e Mário Batiston com a quota de 20:000\$000 cada um e o sócio César Verry com a quota de 8:000\$000.

A sociedade foi denominada "Verry e Cia", cabendo a gerência da firma a ser exercida pelo sócio majoritário Pedro Verry, que teve a incumbência da distribuição dos serviços aos demais sócios.

Ao capital inicial foi adicionado 60:000\$000 de Pedro Verry, 32:000\$000 de Luiz Verry e Mário Batiston, e de César Verry a quantia de 7:000\$000 sob forma de empréstimos. Ressalta-se que esse capital era resultado da dissolução da sociedade da firma Irmãos Verry, que deixou de ser uma firma comercial para transformar-se em uma empresa civil.

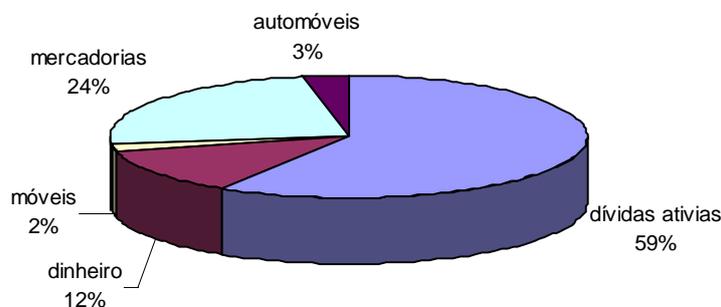
Pedro Verry podia retirar 600\$000 por mês, Mário Batiston e Luiz Verry 400\$00 cada um, e César Verry 300\$000 e Pedro Verry somente poderia retirar 1:000\$000 por mês em forma de empréstimos.

Em 1940, ou seja, após 4 anos da fundação da firma Verry & Cia, Pedro Verry veio a falecer deixando a sua esposa Esther Batiston Verry e três filhos: Cesar Verry seu sócio, que já era casado, Paulo Verry, solteiro, maior, acadêmico de medicina, Maria Verry, solteira, maior, professora e Yole Verry, solteira, emancipada, sendo todos residentes em Ribeirão Preto.

Ao inventariar o capital da firma Verry e Cia, os avaliadores observaram que a mesma tinha um patrimônio de 429:655\$000, sendo apenas 67:428\$800 de dívida passiva, resultando dessa forma, um capital líquido de 362:227\$100, sendo que 166:071\$700 pertenciam ao espólio de Pedro Verry.

Os ativos da firma Verry e Cia eram formados por 59% de dívidas ativas, referentes ao fornecimento de clientes, 24% de mercadorias, 12% de dinheiro em caixa, 2% em móveis e 3% em automóveis, sendo que, apenas 15% do capital estava comprometido com as dívidas passivas.

**Gráfico 3**  
**Composição da riqueza da Firma "Verry & Cia" em 1940**



Fonte: Inventários *post mortem*, AJRP, 3<sup>o</sup> ofício

Pedro Verry possuía os 72:000\$000 que representava o capital inicial investido em 1936, ano da abertura da firma, 119:217\$600 referente ao saldo de sua conta de empréstimos, e 23:376\$200 que compreendia parte do lucro apurado na firma. Esses ativos somavam 214:593\$8000 que foi reduzido a 166:071\$700 devido ao passivo de 50:667480 que Pedro Verry tinha com a firma.

O interessante é observar que o capital da firma Verry e Cia teve o seu valor acrescido em 65% entre 1936 e 1940, evidenciando assim, o processo de consolidação do setor urbano que ocorria neste período no município de Ribeirão Preto e que foi acompanhado da transferência da população do campo para a cidade, uma vez que 60% da população ribeirãopretana já estavam residindo no setor urbano em 1940.

João Fragoso, ao estudar a acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro, entre 1790 e 1830, observou que muitos comerciantes de grosso trato transferiam seus lucros para o setor rural da economia, reproduzindo assim, a estrutura hierárquica da sociedade brasileira. No espólio de Pedro Verry, verifica-se tal processo, evidenciado por Fragoso no final do século XVIII e início do XIX no Rio de Janeiro<sup>29</sup>. Pedro Verry, mesmo atuando no setor do comércio, transferiu parte dos seus investimentos para o setor rural da economia. No momento da sua morte, Verry possuía duas quotas de

<sup>29</sup> FRAGOSO, João Luís. *Homens de Grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. 2<sup>a</sup>. Ed. RJ: C. Brasileira, 1998..

50% nas fazendas de café "Três Barras" e "Santa América", que se referiam a sua participação na firma Irmãos Verry.

A fazenda denominada Três Barras localizava-se no município de Penápolis, interior de São Paulo, e a Fazenda "Santa América" situava-se no município de Lins, também interior de São Paulo. A fazenda "Três Barras" possuía 171 alqueires de terras, 60.000 cafeeiros com 12 anos de idade, cinco grupos de casas de colonos e uma casa para o administrador. Já a fazenda "Santa Amércia" possuía 50 alqueires de terras, 60.000 cafeeiros de 14 a 15 anos, inclusive falhas e replantes, e cinco grupos de casas, sendo uma para administrador.

O número de cafeeiros destas fazendas de café, comparadas à média de cafeeiros do município de Ribeirão Preto, as situavam entre as médias propriedades. Em Ribeirão Preto, a média de cafeeiros por estabelecimento agrário era em torno de 152.480 pés de café em 1933<sup>30</sup>. No entanto, não podem ser consideradas pequenas propriedades, já que para cuidar dos pés de café de cada fazenda, era preciso de pelo menos 15 colonos por propriedade. Segundo Holloway, uma família de colonos possuía 6,8 membros e eram contratados para cuidar de 7.000 pés de café<sup>31</sup>. Dessa forma, é compreensível a existência de 5 casas de colonos, pois a média de colonos em idade ativa girava em torno de três colonos por família, o que explica a necessidade de apenas 5 famílias por propriedade.

Os cafeeiros das referidas fazendas eram novos e suas idades não ultrapassavam 15 anos. Segundo Lapa<sup>32</sup> esse é o período áureo da produção dos cafeeiros. Este fato indica que era uma fazenda que não provocava prejuízos, já que a produtividade dos cafeeiros era muito elevada.

As fazendas juntas valiam 320:000\$000, sendo cada uma 160:000\$000. Assim, somando o valor de 166:701\$000 referente a participação de Pedro Verry na firma Verry & Cia, 22:000\$000 referente a um terreno localizado na cidade de Cravinho, 14:525\$000 depositado em conta corrente na agência do Banco Francês e Italiano de Ribeirão Preto, o monte mor Bruto era de 363:225\$000 e o líquido 361:225\$000.

---

<sup>30</sup> BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. Apogeu do café na Alta Mogiana. In: BACELLAR, C.A.; BRIOSCHI, L. R. orgs. Na Estrada do Anhanguera; uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999. pp. 117-164.. 131

<sup>31</sup> HOLLOWAY, T. H. *Op. cit.*

<sup>32</sup> LAPA, J. R. do A. *A economia cafeeira*. 2<sup>a</sup>. Edição, São Paulo, Brasiliense, 1986. (Tudo é História)

Pedro Verry, juntamente com outros imigrantes, exemplifica a trajetória de homens que aproveitaram as oportunidades oferecidas por uma expansão urbana para formar um patrimônio representativo. Porém uma pergunta se coloca: por que este imigrante decidiu virar cafeicultor? Antes de apontar as respostas para esta indagação é necessário observar que ele não foi o único imigrante que conseguiu acumular no setor urbano e que se tornou cafeicultor.

José Cesarino nasceu em 1879 na Itália, sendo filho legítimo de Felício Antonio Cesarino e de dona Maria Vilta. Provavelmente imigrou no final do século XIX para o Brasil, junto com os pais, chegando ainda solteiro.

Ao se casar em 27 de setembro de 1909 com Filomena Mancini, ela com vinte e um e ele com trinta anos de idade, já atuava como negociante. Após 25 anos de união, José Cesarino veio a falecer aos 55 anos na fazenda Pirajuí, localizada em Araraquara.

Dentro da propriedade agrícola de Araraquara, Cesarino possuía um estabelecimento comercial onde trabalhava pelo menos desde 1909. Cesarino atuava no setor de armarinhos e de secos e molhados. Vendia por exemplo, roupas de cama, alimentos diversos, móveis residenciais, bebidas, rolos de arames, chumbo para caça, graxa para carroças, escovas de dentes, vassouras, instrumentos agrícolas como rodos para café, enxadas, peneiras, rastelos e outras mercadorias.

O comércio era bem diversificado, abastecendo provavelmente todas fazendas da redondeza. Este possível exclusivismo possibilitou que Cesarino acumulasse um patrimônio significativo, permitindo que ele se tornasse cafeicultor.

No ano de sua morte, 1934, Cesarino comprou a metade da fazenda Pirajuí, (onde tinha sua loja instalada), de Plínio de Mendonça Uchôa e sua mulher por 250:000\$000.

A fazenda Pirajuí estava localizada a 50 km do centro de Ribeirão Preto, no município de Araraquara, e segundo as primeiras descrições dos avaliadores, possuía 2.000 alqueires de terras, 400.000 cafeeiros, máquinas de beneficiar café, tulha, terreiro, casa de morada e outras benfeitorias.

Porém, na avaliação definitiva da fazenda, descreveram que havia 1.900 alqueires de terras de campos, 150 alqueires de terras de invernadas e 50 alqueires de

cerrados. Os cafeeiros compreendiam 300.000 em estado regular e 50.000 pés em péssimo estado. As benfeitorias eram compostas por 29 grupos de casas de colonos, 1 casa de residência e armazém, 1 casa de residência (sede) com terreiro e cocheira e uma casa de máquina para beneficiar café com maquinismos em péssimo estado.

Os animais correspondiam a 40 burros, 180 cabeças de gado vacum entre grandes e pequenos, 4 carroças velhas, 2 carrtelas e 1 carrinho, além de acessórios. Na fazenda Pirajuí também existia uma safra de café colhida e por colher entre 6.000 e 7.000 arrobas, mais 10.000 de pés de eucaliptos novos.

Pela descrição da fazenda, é perceptível que a mesma não se encontrava no seu auge, uma vez que, os próprios avaliadores observaram que em relação às outras propriedades agrícolas vizinhas, o estabelecimento comprado por Cesarino estava muito mal tratado, indicando que já haviam sido abandonados 50.000 pés de café e que o administrador tinha a intenção de eliminar mais 30.000. Segundo os avaliadores, os cafeeiros estavam praguejados de grama tiririca e parte dos mesmos foi plantado em lugar pedregoso e infestado por caramujos.

Tendo por base tais apreciações dos avaliadores, é necessário ressaltar, que apesar do contrato de venda da fazenda Pirajuí indicar que a transação foi realizada por 250:000\$000, é inegável que o valor da negociação foi muito superior, uma vez que no mesmo ano da compra, a metade da fazenda foi avaliada por 408:700\$000. Dessa forma, o valor negociado inicialmente provavelmente foi uma tática utilizada para burlar o fisco, já que foi pago nesta transação 18:500\$000 de impostos de transmissão. Caso fosse o valor real da propriedade, este quase duplicaria.

Interessante é observar que Cesarino tinha dinheiro suficiente para comprar a outra metade da fazenda, já que possuía 558:138\$200 depositado no Banco Comércio e Indústria de São Paulo em conta corrente a prazo fixo, bem como, outro depósito no mesmo banco no valor de 49:197\$800, totalizando 1.107:087\$733, valor do *monte mor* bruto. Nestes ativos incluía-se as mercadorias do armazém avaliadas em 68:029\$933 e as dívidas ativas no valor de 23:241\$800. Por outro lado, recaía apenas 123:087\$500 de dívida sob o espólio.

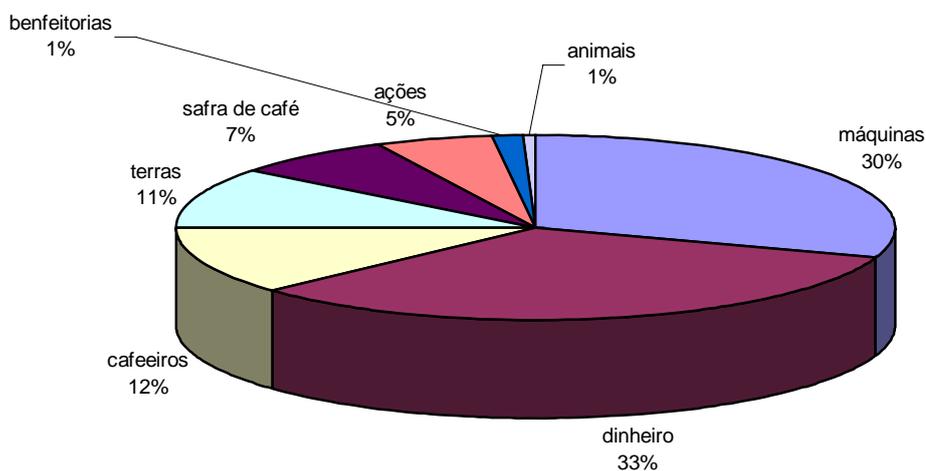
Jacinto Centola nasceu em 1847 na Itália, filho legítimo de Nicolao Centola e de dona Izabel Damasco. Provavelmente emigrou para o Brasil ainda no final do

século XIX com a família. Casou-se em 1900 com Maria Concetta Eboli em Mococa, com quem teve sete filhos.

Centola morreu em 1934 aos 60 anos de idade, na Capital de São Paulo. Quando casou-se com dona Concetta atuava como comerciante. Já ao morrer, atuava como industrial no setor de produção e distribuição de energia elétrica e também, como comerciante e cafeicultor.

Jacinto Centola era sócio da firma Centola & Rossete que possuía uma fazenda de café, imóveis e uma usina hidrelétrica. Também era sócio da firma Máximo, Fernandes & Cia, que atuava na venda de produtos alimentares.

**Gráfico 4**  
**Composição da riqueza de Jacinto Centola em 1934**



Fonte: Inventários *post mortem*, AJRP, 1º ofício

A metade da fazenda " Santo Antonio" localizada no município de Ribeirão Preto representava 33,0% da riqueza de Jacinto Centola, enquanto que a metade do maquinário da usina e empresa de força e luz de Monte Santo, do Estado de Minas, correspondia a 30,0%. Já o dinheiro depositado em agências bancárias compreendiam 33,0% e as ações de empresas apenas 1,0% da riqueza. (Gráfico 4)

Os 200.000 cafeeiros pertencentes a Centola representavam 12,0% da riqueza, os 273 alqueires de terras 11,0%, a safrá de café de 9.000 arrobas 7,0%, as

benfeitorias 1,0% e os animais 1,0%. Os 5% da riqueza em ações correspondiam aos papéis do Banco Comercial do Estado de São Paulo, à Companhia de Cervejaria Paulista de Ribeirão Preto e à Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Os 30% da riqueza em dinheiro estavam depositados no Banco Francês e Italiano de Ribeirão Preto, no Banco Comercial de São Paulo de Ribeirão Preto, no Bank Off London & South América Ltda de Paris e no Banco Commerciale Italiana de Milão. Os 33% de maquinários da usina elétrica de Monte Alegre - MG, correspondiam a instalações hidráulicas, transformadores e outros.

É interessante notar que Centola começou seu processo de acumulação no setor do comércio, passou para a indústria e depois para o café. Estas informações comprovam a importância de ser cafeeiro na sociedade ribeirãopretana da época.

Os investimentos de comerciantes e industriais imigrantes em fazendas de café revela, segundo Fragoso e Florentino, a mentalidade arcaica herdada dos portugueses. Esses autores, ao estudar o tráfico e o processo de acumulação dos grandes comerciantes no Rio de Janeiro entre 1790 e 1840, ressaltam que:

a transformação do grande comerciante em rentista urbano e/ou senhor de homens e terras denotava a presença de um forte ideal aristocratizante, identificado ao controle de homens e à afirmação de certa distância em face do mundo do trabalho. (...) trata-se, enfim, de uma estrutura cujo funcionamento tinha por precondição a constituição de relações de poder<sup>33</sup>.

Os mesmos autores, complementam dizendo que:

estamos diante de um movimento radicalmente distinto do ocorrido na Europa, pois aqui o capital mercantil contribuía de forma decisiva para a formação e contínua reiteração de uma hierarquia rural cujo aristocrático topo era constituído por senhores (...) de terras<sup>34</sup>.

.Waren Dean, ao estudar industrialização de São Paulo também traz uma importante contribuição na discussão a respeito dos imigrantes comerciantes e industriais

---

<sup>33</sup> FRAGOSO, J. L. ; FLORENTINO, M. *O arcaísmo como projeto: Mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia: Rio de Janeiro, c. 1790- c. 1840*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 232

<sup>34</sup>Ibidem, p. 232.

que se tornaram cafeicultores. Segundo ele, o casamento entre empresários imigrantes e a elite cafeeira, nos dá a dimensão do status que era ter vínculos com a cafeicultura. Para Dean

um cáustico retrato da sociedade paulista na década de 1940 dá a entender que os fazendeiros, ainda socialmente distintos, coexistiam numa forma repelente de simbiose, em que os imigrantes dependiam dos "quatrocentões" para suas alianças de status (...)<sup>35</sup>.

Assim, é possível compreender o motivo que levou os comerciantes e industriais a investirem na cafeicultura, bem como, dos cafeicultores não investirem de maneira direta no comércio e na indústria.

Apesar da indústria e do comércio possibilitarem um processo de acumulação desde o final do século XIX, sendo o mesmo intensificado após 1929, os cafeicultores, mesmo diante da crise, optaram por outros tipos de investimentos em Ribeirão Preto, já que não observamos a transferência direta dos mesmos para o comércio e a indústria.

Assim, fica o questionamento: quais foram os destinos dos capitais aplicados pelos cafeicultores, após 1929? É necessário ressaltar, que apesar da crise da cafeicultura, ser cafeicultor era sinal de *status*, pelo menos até meados do século XX, e por essa razão, vários imigrantes optaram por investir neste setor, mesmo que no período, estivesse em processo de decadência.

---

<sup>35</sup> DEAN, Waren. *Op. cit.*, 1977. p. 85.

## Referências Bibliográficas

- BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. Apogeu do café na Alta Mogiana. In: BACELLAR, C.A.; BRIOSCHI, L. R. orgs. Na Estrada do Anhanguera; uma visão regional da história paulista. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999. pp. 117-164.
- BARBOSA, Agnaldo de Souza. *Empresário Fabril e Desenvolvimento Econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca-1920-1990)*. Araraquara, 2004. Tese (Doutorado). p.33
- BEIGUELMAN, Paula. *A formação do povo no complexo cafeeiro*. São Paulo: Pioneira, 1964.
- BRESSER PEREIRA, Luiz C. Empresários, suas origens e as interpretações do Brasil. In História de Empresas e Desenvolvimento Econômico. Tamás Szmerecsányis & Ricardo Maranhão (organizadores). 2 ed. Revista. – São Paulo? Hucitec/ Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica/ Editora da universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial, 2002.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *O empresário industrial e o desenvolvimento econômico do Brasil. 1963. Tese (Livre-Docência em Sociologia) – FFLCH/USP, 1963..*
- CINTRA, Rosana Aparecida. *Italianos em Ribeirão Preto: Vinda e Vida de Imigrante (1890-1900)*. Dissertação (Mestrado em História). Franca: FHDSS/UNESP, 2001.
- CINTRA, Rosana Aparecida. *Uma família italiana e sua marca no tempo*. Trabalho de Conclusão de Curso de História/UNESP-Franca, 1998.
- DEAN, Waren. *Rio Claro: um sistema de grande lavoura 1850-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo. São Paulo? Difel?Edusp, 1971.
- DI GIANNI, Tércio Pereira. *Italianos em Franca: imigrantes de boa estrela em uma cidade do interior*. Franca: UNESP-FHDSS: Amazonas Prod. Calçados S/A, 1997.
- FRAGOSO, J. L. ; FLORENTINO, M. *O arcaísmo como projeto: Mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil em uma economia colonial tardia: Rio de Janeiro, c. 1790- c. 1840*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FRAGOSO, João Luís. *Homens de Grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. 2ª. Ed. RJ: C. Brasileira, 1998.

- GUMIEIRO, Eliana Ap. O desenvolvimento do comércio em Ribeirão Preto 1890-1937. Dissertação (Mestrado em História) Franca: FHDSS/UNESP, 2000.
- HOLLOWAY, Thomas H. Imigrantes para o café? Café e sociedade em São Paulo, 1886-1934. Rio de Janeiro? Paz e Terra, 1984. p.39.
- HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração italiana em São Paulo: 1880-1889*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1972. KLEIN, Herbert S. *Imigração espanhola no Brasil*. São Paulo, ed. Sumaré, FAPESP, 1994. LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- IBGE. *Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais 1550 a 1988*. Rio de Janeiro, 2<sup>a</sup>. Ed. Revista e atualizada, 1990.
- LAGES, José Antônio. *Ribeirão Preto: da Figueira à Barra do Retiro – povoamento da região por entrantes mineiros na primeira metade do século XIX*. Ribeirão Preto: VGA, 1996.
- LAPA, J. R. do A. *A economia cafeeira*. 2<sup>a</sup>. Edição, São Paulo, Brasiliense, 1986. (Tudo é História)
- MARTINS, José de Souza. *Conde Matarazzo o Empresário e a Empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo, Hucitec, 1973.
- MARTINS, José de Souza Martins. *O cativo da terra*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MELLO, João Manuel C. *O Capitalismo Tardio: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira*. São Paulo: 2<sup>a</sup> ed, Brasiliense, 1982.
- MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec – Polis, 1998. p.95.
- SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1976.
- VIANNA, Oliveira. *História social da economia capitalista no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.